

# A Língua Portuguesa em Dia

Francine Baranoski Pereira  
(Organizadora)



 **Atena**  
Editora

Ano 2018

**Francine Baranoski Pereira**

(Organizadora)

# **A Língua Portuguesa em Dia**

Atena Editora

2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Natália Sandrini

**Revisão:** Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L755 A língua portuguesa em dia [recurso eletrônico] / Organizadora Francine Baranoski Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-89-5

DOI 10.22533/at.ed.895182211

1. Língua portuguesa. I. Gaviolli, Gabriel. II. Título. III. Série.

CDD 469.04

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra intitulada: "A Língua Portuguesa em Dia" traz uma riqueza de estudos nas grandes áreas: Gramática, Língua e Literatura, áreas que possuem identidades próprias, que se complementam e propiciam a reflexão e compreensão dos fenômenos da linguagem em suas diversas manifestações.

Os artigos desta edição, fazem um convite ao leitor/professor/estudante da área e/ ou demais interessados a compreender o discurso literário de diversos autores brasileiros e estrangeiros, dentre eles: Clarice Lispector, Ana Miranda, Eulálio Motta, Carson McCullers, Luandino Vieira, José Lins do Rego, Suleiman Cassamo, Paulina Chiziane sob múltiplos enfoques. Mostram estudos que ressaltam a importância do uso da gramática, do dicionário, do ensino de diversos gêneros textuais em sala de aula. Apresentam análises e eventos discursivos, variedades linguísticas, contribuições para o ensino de língua estrangeira, uso da tecnologia no ensino do Português e ensino de Libras em um relato de experiência. Todos os capítulos contém embasamento teórico seguido de explicações, indagações e reflexões ou relatos, provocando no leitor a construção de suas compreensões e interpretações e por fim, do seu próprio conhecimento dos estudos apresentados.

Deste modo, a leitura desta obra propiciará inúmeras contribuições para leitores, professores, estudantes e pesquisadores em suas leituras, práticas e pesquisas neste âmbito plural, pois traz o conhecimento científico em distintas áreas que perpassam Língua e Literatura.

Francine Baranoski Pereira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A AMBIVALÊNCIA ENTRE A TEMPORALIDADE NARRATIVA FICCIONAL E A TEMPORALIDADE HISTÓRICA NA OBRA <i>BOCA DO INFERNO</i> DE ANA MIRANDA	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822111</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
A NORMALIZAÇÃO NA TRADUÇÃO DO VOCÁBULO “MORTE/DEATH” EM DUAS OBRAS DE CLARICE LISPECTOR TRADUZIDAS PARA A LÍNGUA INGLESA: UM ESTUDO BASEADO EM CORPUS	
<i>Thereza Cristina de Souza Lima</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822112</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DO POEMA “TERRA DE PROMISSÃO”, DE EULÁLIO MOTTA	
<i>Pâmella Araujo da Silva Cintra</i>	
<i>Patrício Nunes Barreiros</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822113</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DO POEMA CARNAVAL DE MUNDO NOVO, DE EULÁLIO MOTTA	
<i>Maria Rosane Vale Noronha Desidério</i>	
<i>Patrício Nunes Barreiros</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822114</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
EM BUSCA DE RESPOSTAS: DEUS EXISTE?	
<i>Ieda Tinoco Boechat</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
<i>Leila Maria Tinoco Boechat Ribeiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822115</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>63</b>
EM CENA A LENDA AMAZÔNICA: A MATINTA PERERA	
<i>Rosalina Albuquerque Henrique</i>	
<i>Célia Suely Abreu Cota</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822116</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>73</b>
LITERATURA E MÚSICA NOS CONTOS “WUNDERKIND” E “MADAME ZILENSKY E O REI DA FINLÂNDIA” DE CARSON MCCOLLERS	
<i>Júlia Reyes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822117</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>87</b>
LUANDINO VIEIRA PELOS CAMINHOS DA PAISAGEM, DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA EM LUUANDA	
<i>Fabiana de Paula Lessa Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822118</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>100</b>
MEMÓRIA CULTURAL DOS ESCRITORES: AS ENGRENAGENS DE JOSÉ LINS DO REGO.	
<i>Evandro Figueiredo Candido</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822119</b>	

<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>115</b>
ENTRE CULTURAS: A MISSÃO CIENTÍFICA AUSTRO-ALEMÃ DE 1817 AO BRASIL	
<i>Leonardo Ferreira Kaltner</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>130</b>
UM PASSEIO PELAS RUAS, CIDADES E VIDAS EM SULEIMAN CASSAMO	
<i>Fabiana de Paula Lessa Oliveira</i>	
<i>Fabiana Rodrigues de Souza Pedro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>140</b>
PROCEDIMENTO LITERÁRIO DE PAULINA CHIZIANE “VENTOS DO APOCALIPSE”	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Ana Maria de Carvalho Leite</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>148</b>
CARACTERÍSTICAS CENTRAIS DA NARRATIVA GÓGOLIANA E A MOTIVAÇÃO MORAL A PARTIR DE TCHITCHIKOV EM ALMAS MORTAS, DE NIKOLAI GÓGOL	
<i>Márlon Coí Rojas</i>	
<i>Evandro Barbosa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221113</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>152</b>
A TRAVESSIA DA LETRA E DAS PERSONAGENS CLARICIANAS	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221114</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>167</b>
ANÁLISE DA PROPAGANDA ORAL À LUZ DOS ESTUDOS RETÓRICO-CONVERSACIONAIS	
<i>Maria Francisca Oliveira Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221115</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>180</b>
A INTERFACE SEMIOLINGUÍSTICA NAS CANÇÕES DE NANDO REIS NO ESTUDO DA LEITURA	
<i>Carmen Elena das Chagas</i>	
<i>Pânmeila Franco Bispo dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221116</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>191</b>
A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Fátima Stela Bezerra Viana Barbosa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221117</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>199</b>
O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA NAS ENTRELINHAS DE PESQUISAS	
<i>Amós Coêlho da Silva</i>	
<i>Anne Marilyn Silva Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221118</b>	

<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>213</b>
ANÁLISE DAS REGRAS DE FÓRONS DE FANFICTIONS COMO ESTRATÉGIA NA ADEQUAÇÃO DA ESCRITA DOS JOVENS ÀS NORMAS ORTOGRÁFICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA	
<i>Elaine Santana de Souza</i>	
<i>Luciano Dias de Sousa</i>	
<i>Raquel Veggj Moreira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221119</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>225</b>
ANÁLISE DO DISCURSO DE UMA CAMPANHA DE SAÚDE FEMININA	
<i>Edelyne Nunes Diniz de Oliveira</i>	
<i>Lucineide Matos Lopes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221120</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>237</b>
ANÁLISE DO LOGOS ARISTOTÉLICO NO GÊNERO TEXTUAL DEBATE POLÍTICO TELEVISIONADO	
<i>Romildo Barros da Silva</i>	
<i>Maria Francisca Oliveira Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221121</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>254</b>
ANÁLISE SEMÂNTICA DO ROTEIRO DE TELENOVELA	
<i>Simone Dorneles Severo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221122</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>279</b>
AS CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO ANÚNCIO NO ESTÍMULO À LEITURA	
<i>Géssica Pereira Monteiro Rangel</i>	
<i>Eliana Crispim França Luquetti</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221123</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>290</b>
AS FORMAS PRONOMINAIS TU, VOCÊ E O(A) SENHOR(A) NO PORTUGUÊS FALADO EM CAMETÁ-PARÁ	
<i>Raquel Maria da Silva Costa</i>	
<i>Karina Pereira Castro</i>	
<i>Kéttelen Mayara Tavares Brito</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221124</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>304</b>
ATIVIDADES DE REFERENCIAÇÃO: O USO DE MARCADORES TEMPORAIS EM NARRATIVAS AFILIADAS AO LENDÁRIO AMAZÔNICO	
<i>Heliud Luis Maia Moura</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221125</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>318</b>
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM PERSPECTIVA: O QUE AS PESQUISAS (NÃO) TÊM A DIZER SOBRE A PERSONALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM?	
<i>Joane Marieli Pereira Caetano</i>	
<i>Adriene Ferreira de Mello</i>	
<i>Dulce Helena Pontes-Ribeiro</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221126</b>	

<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>334</b>
ENSINO DE LIBRAS L2 NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Andréa dos Guimarães de Carvalho</i>	
<i>Gilmar Garcia Marcelino</i>	
<i>Kelly Francisca da Silva Brito</i>	
<i>Renata Rodrigues de Oliveira Garcia</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221127</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>341</b>
EVENTOS DISCURSIVOS CARREGADOS DE SENTIDOS: EFEITOS MONITORÁVEIS?	
<i>Ieda Tinoco Boechat</i>	
<i>Thiago Soares de Oliveira</i>	
<i>Sérgio Arruda de Moura</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221128</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>354</b>
GÊNEROS TEXTUAIS, TECNOLOGIA E ENSINO DE PORTUGUÊS PARA FALANTES DE OUTRAS LÍNGUAS.	
<i>Ângela Marina Bravin dos Santos</i>	
<i>Arthur Lima de Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221129</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>361</b>
O QUE DIZEM AS REDAÇÕES DO ENSINO FUNDAMENTAL I ? - UMA PESQUISA BASEADA EM CORPORA	
<i>Elaine Cristina Ferreira de Oliveira</i>	
<i>Adriane Orenha-Ottaiano</i>	
<i>Ravel João da Silva Gimenes</i>	
<i>Leandro Ferreira de Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221130</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>370</b>
UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE OS DIÁLOGOS DIDÁTICO NOS LIVROS DE LÍNGUA INGLESA	
<i>Sonia Maria da Fonseca Souza</i>	
<i>Eliana Crispim França Luquetti</i>	
<i>Poliana da Silva Carvalho</i>	
<i>Vyvian França Souza Gomes Muniz</i>	
<i>Joane Marieli Pereira Caetano</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221131</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>385</b>
ENTRE FATOS E HIPÓTESES: A LINGUAGEM EM ANÁLISE	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Leonardo Gomes de Souza</i>	
<i>Fernanda Soares Wenceslau</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221132</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>401</b>

## AS FORMAS PRONOMINAIS TU, VOCÊ E O(A) SENHOR(A) NO PORTUGUÊS FALADO EM CAMETÁ-PARÁ

### **Raquel Maria da Silva Costa**

Universidade Federal do Pará, Faculdade de Linguagem  
Cametá –Pará

### **Karina Pereira Castro**

Universidade Federal do Pará, Faculdade de Linguagem  
Cametá –Pará

### **Kéttelen Mayara Tavares Brito**

Universidade Federal do Pará, Faculdade de Linguagem  
Cametá –Pará

**RESUMO:** Este trabalho apresenta um estudo sobre a alternância das formas pronominais de referência à segunda pessoa, Tu/Você/o(a) Senhor(a), na função de sujeito, no português falado na zona urbana de Cametá/PA. Adota, como quadro teórico, os postulados teóricos da Teoria da Variação e Mudança Linguística. Objetiva analisar o papel de fatores linguísticos e extralinguísticos ou sociais como motivadores do comportamento variável de tu/você/o(a) senhor(a) em função de sujeito. O *corpus* contém dados de interações face a face de 16 grupos focais, cada qual constituído por 04 sujeitos participantes, sendo um o informante-base, todos cametaenses, estratificados de acordo com a faixa etária (21 a 29 anos e 32 a 42 anos), o sexo/gênero e o nível de

escolaridade (médio e superior), totalizando 64 participantes. Na fala dos 16 informantes-base, obtivemos 527 dados de uso de Tu, Você e o(a) Senhor(a), os quais foram analisados quantitativamente e qualitativamente. Os resultados apontaram 307 ocorrências da forma pronominal tu, 182 de você e apenas 38 da forma o(a) senhor(a), o que corresponde, respectivamente, a 58.3%, 34.5% e 7.2%. No âmbito do Sociofuncionalismo, ao avaliarmos a correlação entre variável dependente e variáveis independentes pelo princípio da marcação, verificamos que a forma tu é menos marcada na linguagem cametaense, considerando-se a distribuição de frequência e a complexidade estrutural. A forma você, de menor frequência e maior complexidade estrutural e cognitiva, por isso mais marcada, encontra predileção, nos contextos mais marcados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pronomes de referência à segunda pessoa, Variação linguística; Princípio da marcação.

**ABSTRACT:** This article presents a study of the alternation of pronominal forms of reference to the second person, Tu/Você/o(a) Senhor(a), in the subject function, in the Portuguese spoken in the urban area of Cametá. It adopts, as a theoretical framework, the postulates in the Linguistic Variation and Change Theory. Our research intends to analyze the role of linguistic

factors and of extralinguistic or social factors as motivators of the variable behavior of *tu/você/o(a) senhor(a)* in the subject function. The corpus contains data of face to face interaction of 16 focus groups, each one constituted by 04 (four) participant individuals, with one being the basis informant, all born in Cametá, stratified by age (21-29 years old and 32-42 years old), gender (male and female) and level of education (high school and higher education), totalizing 64 participants. By the basis informants speech, we got 527 data uses of *Tu, Você e o(a) Senhor(a)*, which were quantitatively and qualitatively analyzed. The results pointed 307 occurrences of the pronominal form *tu*, 182 of *você* and only 38 of *o(a) senhor(a)*, which represents, respectively, 58.3%, 34.5%, e 7.2%. Within the Social functionalism, evaluating the correlation between dependent variable and independent variables by the principle of marking, we noted that the form *tu* is less marked in the language of Cametá, considering the distribution of frequency and structural complexity. The form *você*, that presents less frequency and greater structural and cognitive complexity, hence more marked, finds predilection, in more marked contexts.

**Key-words:** Pronouns of reference to the second person; Linguistic variation; principle of marking.

## 1 | INTRODUÇÃO

O Português Brasileiro (doravante PB) possui um pronome pessoal do caso reto de segunda pessoa *tu* usado para se referir à pessoa com quem se fala, porém se observa, em algumas regiões do Brasil, com base em trabalhos já realizados sobre este pronome, como os de *Andrade (2004)*, *Santos (2010)*, *Modesto (2006)*, *Oliveira (2007)*, *Alves (2011)*, *Herênio (2006)* que ele está cedendo espaço na fala para o pronome de tratamento *você*, passando este a ganhar valor de pronome pessoal e constituindo-se um dos elementos linguísticos mais recorrentes para se dirigir a qualquer pessoa.

Em função disso, surge o interesse em investigar este fenômeno em variação na língua de uso cotidiano dos falantes cametaenses, para verificar até que ponto fatores sociais como *relações interacionais hierárquicas* (simétricas e assimétricas) e fatores linguísticos como: *referência do pronome* (genérica e específica), *paralelismo*, *tipo de discurso* e *tipo de frase* podem condicionar o uso alternado entre *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)*.

Para alcançarmos tal objetivo, conjugamos duas bases teóricas da linguística: *a Teoria da Variação e Mudança linguística e o Funcionalismo*. À luz da Teoria da Variação, que considera o estudo da língua em seu contexto sociocultural dentro de uma comunidade de fala, pretendemos compreender a variação das formas de referência à segunda pessoa, através da combinação da estrutura social, pela observação das variáveis sexo/gênero, nível de escolaridade e faixa etária, à estrutura linguística, na possibilidade de depreendermos e sistematizarmos o caminho desta variação na língua

falada. Associado à interferência das variáveis sociais neste estudo, acrescentaremos também a análise da interferência dos diferentes estilos linguísticos, no uso alternado das formas Tu, Você e o(a) Senhor(a), motivados pelo contexto de fala.

Para a análise da influência de tais fatores linguísticos e sociais sobre a variável linguística aqui estudada, pretendemos, como objetivos: 1. Investigar se o pronome tu é favorecido quando usado em referência a um locutor específico, e o pronome você quando utilizado em *referência genérica*; Observar se a codificação explícita precedente dos pronomes *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* favorece a codificação destas mesmas formas sequencialmente na sentença, gerando assim a manutenção de *tu*, *você* e ou *o(a) senhor(a)* na cadeia da fala; Examinar qual o tipo de discurso, *fala própria*, *relatado do próprio falante* ou *relatado de terceira pessoa* que mais pode favorecer o uso das formas *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* na fala da comunidade investigada; Analisar se o *tipo de frase*, afirmativa, interrogativa, negativa e exclamativa, constitui-se um fator motivador da escolha entre uma das formas de segunda pessoa *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)*; Investigar o uso das formas *o(a) senhor(a)*, *tu* e *você* nas relações interacionais simétricas e assimétricas, levando em consideração se o fator proximidade/intimidade e distância social/ relação não íntima contribuem para a escolha desses pronomes na fala dos cametaenses da zona urbana.

Assim, este trabalho compõe-se de 3 itens, além da introdução e das considerações finais. No primeiro item, apresenta-se os aspectos teórico-metodológica da Sociolinguística laboviana/variacionista (WEINREICH, LABOV; HERZOG, 2006). Posterior a isso, no segundo item, apresentaremos a orientação teórico-metodológica da Sociolinguística quantitativa que subsidiará a coleta e tratamento dos dados, no programa estatístico GOLDVARB. Por fim, exporemos a descrição e a análise dos resultados sobre as formas pronominais de referência à segunda pessoa, na função sintática de sujeito da oração: *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)*, no Português falado na zona urbana do município de Cametá-PA.

## 1.1 A Sociolinguística Variacionista

Os estudos sociolinguísticos são ampliados pelos trabalhos desenvolvidos por Labov na década de 70. Na tentativa de sistematizar a variação e descobrir os padrões que a regem, o autor encontrou a solução para o dito problema através da estratificação social e avaliação social das variantes linguísticas, tanto no estudo sobre a centralização dos ditongos (ay) e (aw) na comunidade de fala da ilha de Martha's Vineyard ([1962], 1963), no estado de Massachusetts (EUA), quanto no estudo sobre a estratificação do /r/ na cidade de Nova Iorque (1966), em lojas de departamento, sob a orientação de Weinreich.

Dessa forma, a Sociolinguística inova os trabalhos desenvolvidos pelas tendências linguísticas anteriores na medida em que apresenta a língua como um sistema heterogêneo, em que o falante pode lançar mão de diferentes formas linguísticas para

se expressar, e a opção por uma variante, em detrimento de outra, não ocorre de forma aleatória, mas condicionada tanto por fatores de ordem social como linguísticos.

A língua, assim, passa a ser compreendida como um sistema dinâmico, em que a fala é o seu mecanismo de mudança. O objeto de estudo da sociolinguística é, portanto, a própria diversidade linguística. E assim, a fala torna-se a principal fonte de riqueza e pesquisa para os estudos sociolinguísticos. A língua falada deve ser descrita, analisada e documentada em seu uso real, no seio da comunidade de fala da qual faz parte. Tal comunidade é constituída, por conseguinte, de sujeitos falantes que dominam o mesmo conjunto de regras linguísticas e interagem entre si por meio de uma teia comunicativa.

O ambiente social em que o sujeito falante encontra-se inserido será um fator decisivo nessa escolha, assim como as relações sociais que os falantes estabelecem entre si, como no caso das formas pronominais em estudo. Para Labov (1982), a heterogeneidade é parte íntegra da economia linguística de uma comunidade, necessária para satisfazer as demandas linguísticas da vida cotidiana.

Weinreich, Labov e Herzog (2006) pressupõem que a variação existente na forma atual de uma dada língua (sincrônica) representa o desenvolvimento diacrônico que esta língua vem atravessando no decorrer dos tempos, tendo-se assim a coexistência de diferentes estágios de uma mesma língua num dado momento da história. É seguindo este pressuposto que nos empenhamos em analisar os fatores condicionantes do fenômeno em estudo.

Para Labov (2004), a análise da variação envolve primeiro a observação da variação, isto é, que “há duas formas alternativas de dizer a mesma coisa e depois a “procura pelo ambiente mais recorrente em que esta variação ocorra, a fim de aplicar o princípio de contabilidade”. (LABOV, 2004, p. 03 – tradução nossa). A definição assim de uma variável linguística requer o estabelecimento de um conjunto fechado de fatores linguísticos e não linguísticos, ao qual se aplicam os axiomas da teoria da probabilidade. Então, a principal tarefa é encontrar e definir as variáveis independentes que serão incluídas no estudo. LABOV (2004) afirma que tais parâmetros em análises sociolinguísticas podem levar a resultados bastante interessantes acerca do fenômeno em estudo.

## 2 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho é orientado pelos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística quantitativa ou modelo laboviano e pela perspectiva funcionalista de análise da língua, os quais pressupõem a não existência de estudos linguísticos desvinculados de fatores sociais, discursivos e contextuais e/ou estilísticos. Para a coleta dos dados e constituição do *corpus*, adotou-se a proposta de Eckert (2012), da *terceira onda* de estudos da variação e mudança linguística, a qual se volta para

a apreensão do significado social intrínseco às variáveis em estudo. Dessa forma, nesta pesquisa focou-se a coleta de dados nas comunidades de prática ‘profissões’ tendo em vista a apreensão, no cerne das atividades e interações profissionais desenvolvidas pelos sujeitos falantes, a correlação entre o grau de proximidade/intimidade (solidariedade) e distanciamento (poder) estabelecida durante as relações sociais, e como tais relações influenciam na escolha das formas de referência à segunda pessoa pelo sujeito. Portanto, compreendamos comunidades de prática como grupos de pessoas que compartilham uma preocupação ou uma paixão por algo que eles fazem e aprendem a fazê-lo melhor, a partir da interação regular e dos interesses em comum que possuem, no interior de uma atividade que a comunidade compartilha.

Esta coleta deu-se por meio da técnica de grupo focal, de comunidades de prática, e, por isso, nem sempre delimitamos somente um tipo de rede social, haja vista que nosso interesse voltava-se para o profissional de maior status dentro daquela comunidade de prática e para a relação deste com os outros participantes, o que poderia ser manifestada pelo uso de *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)*. A partir do informante-base, escolhíamos os outros participantes de acordo com as características sociais de interesse neste estudo, e as relações sociais que mantinham com aquele.

Os eventos de fala que constituíram o *corpus* para análise foram obtidos por meio de 16 gravações de situações interacionais, em cada uma dessas situações comunicativas face à face, contamos com a participação de um grupo focal constituído por 04 sujeitos-informantes, sendo que um, dentre os quatro, foi o nosso informante-base. Temos, portanto, 16 sujeitos-informantes-base, interagindo cada um com mais três interlocutores, o que corresponde a mais 48 sujeitos informantes, todos também cametaenses, totalizando 64 sujeitos interactantes envolvidos na amostra. Estes 16 sujeitos que participaram da pesquisa foram estratificados de acordo com faixa etária (08 na faixa etária I - 21 a 29 anos e 08 na faixa etária II – 32 a 42 anos); escolaridade (08 informantes com Ensino Médio e 08 com Ensino Superior); e sexo (08 do sexo masculino e 08 do sexo feminino).

O interesse, portanto, em adotar o grupo focal não é o aprofundamento de uma ideia ou tema específico a ser analisado a posteriori, já que trabalhamos com alternância pronominal, mas simplesmente a necessidade de se obter, em maior frequência, o uso de tais pronomes em interação face a face, contando que todas “as informações trazidas pelo participante podem ser identificadas como dados do grupo” (ANTONI *et al*, 2001, p. 41).

O critério para a seleção dos informantes-base que compuseram a amostra não foi aleatório e nem subjetivo, mas sim orientado por uma enquete realizada com os moradores da zona urbana do município de Cametá, através de duas formas de coleta de opiniões: a primeira se deu por meio do site de relacionamento *facebook* e a segunda por meio de um questionário impresso. Assim, os dezesseis informantes-base deste estudo foram escolhidos na e pela comunidade investigada pelo seu nível de significância e status social adquiridos pela profissão que exercem.

E a escolha dos outros três interlocutores de cada grupo focal se deu a partir de uma rede de relações sociais e profissionais entre eles e o informante-base, em conformidade com os princípios da *semântica do poder* - “mais velho que”, “pais do”, “empregador do”, “mais rico do que”, “mais forte do que”, e “mais nobre do que” ou “mais poderoso do que” [e desconhecido do] e *semântica da solidariedade* - “participou da mesma escola [amigos, colegas, casados]” ou “têm os mesmos pais” ou “exercem a mesma profissão. (BROWN; GILMAN, 1960, p. 257- 258). Dessa forma, configurou-se o grupo focal: *informante-base*; interlocutor de *relação assimétrica superior* (manifestando poder sobre o informante-base); *interlocutor de relação assimétrica inferior* (o informante-base manifestando poder sobre este) e interlocutor de relação simétrica (informante-base e interlocutor mantendo relações solidárias).

Os traços sociais e as relações profissionais e/ou pessoais dos sujeitos-informantes participantes da pesquisa foram definidos intencionalmente com o objetivo de observarmos se há diferenciação ou não na forma de referência e estilo de fala empregada ao outro, e se isto é decorrente do status do interlocutor ou da relação social mantida com este, instituída não somente durante a conversação, mas na comunidade cametaense. Assim, refinamos a abrangência do foco de nossa análise, para grupos sociais mais específicos de fala, com o intuito de atentarmos, por meio de interações sociais simétricas e assimétricas, se de fato estamos diante de sujeitos falantes com traços de líderes da mudança linguística. Analisar portanto, tipos sociais com alto nível de interação em diferentes redes sociais foi-nos oportuno, porque nos permitiu observá-los falando com pessoas com as quais geralmente falam no dia-a-dia, como amigos, familiares, colegas de trabalho e/ou funcionários. Então se há mudança em progresso, esta é resultado não do isolamento dos sujeitos em redes sociais mais densas e sim das diversas ligações diárias com outros sujeitos dos mais diferentes níveis sociais.

Os dados que compuseram o *corpus* desta pesquisa foram analisados pelo programa computacional GOLDVARB. A predileção, da base quantitativa de análise, incluindo a definição das variáveis independentes, tomadas como categorias de análise, parte do pressuposto de que as produções linguísticas do falante demonstram uma distribuição probabilística das variantes, em que uma pode ocorrer mais em um dado contexto e menos em outro, ou até mesmo nunca ocorrer em um dado contexto.

### 3 I TU VERSUS VOCÊ NO PORTUGUÊS FALADO EM CAMETÁ

Com base nos pressupostos teóricos do Funcionalismo, atrelados à noção de variação da sociolinguística laboviana, pretendemos examinar restrições funcionais presentes na alternância entre *tu/você/o(a) senhor(a)*. De um total de 64 informantes, obtivemos 527 ocorrências de pronomes de segunda pessoa do singular *tu, você e o(a) senhor*, sendo 307 dados de *tu*, correspondendo a 58.3 % da amostra, 182

dados de *você*, correspondendo a 34.5% da amostra e 38 dados de *o(a) senhor(a)*, correspondendo a 7.2% dos dados da amostra, conforme tabela 01.

Forma pronominal de referência à segunda pessoa na função de sujeito	Frequência	Total De Dados
TU	58.3%	307
VOCÊ	34.5%	182
O(A) SENHOR(A)	7.2%	38
TOTAL DE DADOS		527

**Tabela 01** - Frequência de ocorrência das formas pronominais de segunda pessoa no português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

Fonte: própria

Das 38 ocorrências de *o(a) senhor* existentes no *corpus*, todas foram usadas em contextos de assimetria - de inferior para superior, o que reforça, ainda mais, os traços de estilo formal atrelado a tal variante. Desta forma, concebemos que o uso de um estilo mais formal pode estar atrelado às relações mais assimétricas e o uso do estilo menos formal, às relações mais simétricas. Então, o falante acomoda a sua fala aos traços do seu interlocutor, em uma tentativa de igualar a sua performance linguística ao status social e variedade que ele possui. Logo, a variação intrafalante existe em função da variação dos traços sociais do interlocutores.

De acordo com Labov (2001), as variantes alternam-se nas comunidades à proporção que os estilos de fala também se alteram. A mudança de estilo ocorre porque os papéis e os status sociais dos interlocutores, assumidos durante o processo interativo, sofrem transformações (BELL, 1984). Portanto, *tu*, forma menos marcada, é mais propício a situações de menor formalidade e *você* e *o(a) senhor(a)*, pronomes de distanciamento maior entre locutor e interlocutor, conseqüentemente mais formais, são mais marcados.

E a partir dos dados obtidos na tabela 01, refinamos a análise, agora somente atentando para as variantes *tu* versus *você* e levantamos um total de **489** ocorrências, sendo **307** da forma pronominal *tu*, e **182** do pronome de tratamento *você*, observado aqui como pronome de segunda pessoa do discurso, o que corresponde, respectivamente, a 62.2%, e 37.8% de percentual dos dados considerados na pesquisa. Na tabela abaixo, apresentamos as variantes, a porcentagem referente a cada uma das variantes e o valor total dos dados de nossa pesquisa. Seguem-se à tabela 02, exemplos das formas sob análise.

Forma pronominal de referência à segunda pessoa na função de sujeito	Aplicação/ Total	Porcentagem
TU	307	62.8%
VOCÊ	182	37.2%
<b>Total dos dados</b>	<b>489</b>	<b>100%</b>

**Tabela 02** - Frequência de ocorrência das formas pronominais de segunda pessoa – *tu* versus *você* no português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

Fonte: própria

Tais resultados reafirmam nossa hipótese geral de que a forma pronominal *tu* é a mais corrente, como forma canônica de segunda pessoa, na linguagem oral dos falantes da zona urbana de Cametá. E por meio do peso relativo, podemos deduzir que não está sendo substituída por *você*, nesta variedade linguística, do Norte do Brasil, muito embora, neste estado sincrônico da língua, coexistam funcionalmente como pronome em referência à pessoa com quem se fala.

A permanência do uso de *tu* na linguagem cametaense, embora pertença a um cenário de concorrência e coocorrência com a forma *você*, pode ser justificada pela forte influência linguística portuguesa, persistente em nossa linguagem até nos dias atuais, haja vista que não houve a presença, no município, de processo imigratório de outras regiões e até mesmo de outros países, durante esses trezentos e oitenta anos (380) anos de fundação da cidade, o que vem a contribuir mais veementemente para a manutenção deste traço linguístico, cujas raízes históricas pronominais de segunda pessoa encontram-se bem fixadas nas formas linguísticas de nossos colonizadores, advindos de diversas regiões de Portugal, principalmente da Ilha dos Açores, segundo relatos de Silva Neto (1988) e Illari e Basso (2006), na tentativa de povoar e defender a região do Grão-Pará das invasões francesas e holandesas.

E este uso de *tu* gera uma identidade linguística atribuída a esta região Tocantina em relação ao uso de *você*, no falar de outras regiões, como Distrito Federal, Santos, Feira de Santana e Salvador, Boa vista, Macapá, Porto Velho entre outras localidades que possuem o *você* como forma de maior expressividade na linguagem oral, pois, se o mundo ganha sentido por meio das diferenças, a identidade é sempre a diferença.

A partir de agora olharemos para os fatores elencados pelo programa Goldvarb como os favorecedores da aplicação da regra variável em análise. Examinaremos, também, a validação ou não das hipóteses levantadas para a exploração do fenômeno em estudo bem como a atuação do princípio da marcação.

### 3.1 Paralelismo estrutural/linguístico

Tomado o fator *paralelismo estrutural/linguístico*, selecionado como primeiro grupo de fatores estatisticamente significativo à realização de *tu*, Segundo este princípio, a produção linguística, em série, repetidas vezes, de uma forma de segunda pessoa pelo mesmo falante, é influenciada fortemente pelo primeiro item da série.

Portanto, a presença de uma forma *tu*, como primeiro item de uma série de pronomes de segunda pessoa induzirá, o uso desta mesma forma, no decorrer de um período frasal ou turno de fala, de igual maneira que a ausência desta forma levará a sua não manifestação na fluidez do discurso

Paralelismo estrutural	Aplicação/ total	Porcentagem	Peso relativo
Não primeiro da série, precedido por tu – tu-tu	195/212	92%	0,854
Não precedido de forma pronominal, isolado na oração	42/69	60.9 %	0,387
Primeiro item da série, não precedido de forma pronominal	51/86	59.3 %	0,387
Não primeiro da série, precedido por você	18/117	15.4	0,077
Não primeiro da série, precedido por o(a) senhor(a)	1/5	20%	0,067
Total dos dados	307/ 489		

**Tabela 03** - Atuação do paralelismo estrutural no uso *tu* versus *você* do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

Fonte: própria

Os resultados expostos na tabela 3 mostram que o paralelismo sintático entre a forma morfossintática *tu – tu* é mais produtiva para a realização da variante investigada, ou melhor, apresentou-se como o único fator que influencia na recorrência do pronome *tu*, com peso relativo de 0,854 e frequência percentual de 92%.

### 3.2 Tipo de interlocução/referência

Da mesma forma, podemos constatar a atuação do grupo de fatores *Tipo de interlocução/referência*, que apontou a forma *tu* como mais frequente em *referência indireta* e *direta* a um indivíduo, com peso relativo de 0,849 e 0,688 respectivamente de acordo com tabela 04.

Referência do pronome	Aplicação/ total	Porcentagem	Peso relativo
Referência indireta/específica a um indivíduo	66/94	70.2%	0,849
Referência direta/específica a um indivíduo	59/81	72.8%	0.688
Referência ao próprio falante	25/38	65.8%	0.364
Referência genérica	16/21	76.2%	0.338
Referência indireta a um grupo	140/244	57.4%	0,320
Total dos dados	307/489		

**Tabela 04** - Tipo de interlocução/referência do pronome na rodada binária *Tu* versus *você/o(a) senhor(a)*

Fonte: própria

O processo de referenciação indireta/específica a um indivíduo foi concebido neste trabalho como sendo aquele que ocorre quando o falante volta-se a uma situação de interação anterior ao momento da situação comunicativa, acontecida com outro interlocutor, e acaba reportando-se, na interação discursiva “real”, ao discurso já ocorrido, numa espécie de “digressão conversacional”, como apontado por Modesto (2006, p. 96).

### 3.3 Tipo de frase

A variável *tipo de frase* foi o terceiro grupo de fatores selecionado como favorecedor para o estudo da referência à segunda pessoa na linguagem em estudo. O tipo de *frase exclamativa*, conforme [60], apresentou maior percentual de frequência de ocorrência, para o uso da forma *tu*, 80%, e efeito de 0,882. As frases *interrogativas* (negativa e afirmativa), conforme exemplo [61], possuem valor bem abaixo do das exclamativas, mas ainda assim possuem quantificação de efeito favorável à aplicação da regra, 65.1% e peso relativo de 0,596. Já as frases do tipo declarativa afirmativa e declarativa negativa possuem efeito desfavorecedor ao uso do pronome *tu*, demonstrando valores percentuais e peso relativo abaixo do ponto neutro, 0,488 e 0,315,

Tipo de frase	Aplicação/ Total	Percentagem	Peso Relativo
Exclamativa	16/20	80%	0,882
Interrogativa (negativa e afirmativa)	28/43	65.1%	0,596
Declarativa Afirmativa	236/375	62.9%	0,488
Declarativa Negativa	27/51	52.9%	0,315
Total de dados	<b>307/489</b>		

**Tabela 05** - Tipo de Frase na rodada binária *Tu* versus *você* do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA)

Fonte: própria

De acordo com os resultados, há mais probabilidade da forma *tu* ocorrer em frases exclamativas e interrogativas do que nas declarativas. Acreditamos que este fato seja reflexo de dois fatores: da situação interacional de coleta dos dados, na qual os participantes demonstravam-se à vontade para interrogar e exclamar algum fato ou situação ao seu interactante e até mesmo ao pesquisador/moderador, no decorrer da interação, e da situação conversacional, já que, semanticamente, *tu* representa o pronome usado nas relações de maior igualdade, envolvendo a *semântica da solidariedade*, sendo, portanto, a forma escolhida pelo falante para ser empregada quando há maior interação face a face. Isso acontece, porque, em enunciados do tipo “pergunta”, a interação comunicativa requer a presença mais específica de um interlocutor – eu-tu a quem se dirige a admiração, exclamação, surpresa, ênfase a aquilo que se diz ou questionamento, o que torna a relação comunicativa mais próxima entre falante/ouvinte, e como a forma *tu* é a mais usual e não parece denotar

distanciamento social, acaba sendo mais frequente para este tipo de frase.

Esta forma de conceber os dados é intensificada ainda mais quando olhamos para os fatores *declarativa afirmativa e declarativa negativa*, os quais desfavoreceram a forma *tu* e automaticamente favoreceram a *você*. O tipo afirmativo, com 236 dos 376 ocorrências encontradas no *corpus* é o fator de maior frequência estatística do grupo. Isto leva-nos a perceber que, em frases do tipo [62], quando a referência a um interlocutor é genérica, o falante dá preferência pela variante *você*, pois essa forma pronominal é preferida em situações interativas em que não há a presença de um interlocutor definido, e o discurso declarativo pode ser dirigido a mais de uma pessoa, um coletivo e não a um interlocutor definido, como o defendido pela nossa hipótese corroborada pelos dados.

### 3.4 Tipo de relação entre os interlocutores

E os dados revelaram que o emprego do pronome *tu* é mais recorrente nas interações simétricas (colegas de classe ou de mesma profissão e/ou trabalho, irmãos, amigos, pessoas da mesma idade, ou que possuem um mesmo *status* social) com percentual de 65.6% e **0,603** de peso relativo, como se pode notar na tabela 06, abaixo:

Tipo de relação entre os interlocutores	Aplicação/ Total	Porcentagem	Peso Relativo
Assimétrica 01 (de inferior para superior)	246/375	65.6%	0,603
Assimétrica 02 (de superior para inferior)	48/86	55.5%	0,246
Simétrica	13/28	46.4%	0,104
Total dos dados	<b>307/489</b>		

**Tabela 06** – Tipo de relação entre os interlocutores na rodada binária *Tu* versus *você* do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

Fonte: própria

A hipótese que tínhamos para este fator foi confirmada em parte, pois prevíamos que as *frases do tipo interrogativa*, por se caracterizarem como de entonação ascendente e de tom mais expressivo/emotivo, favoreceriam o uso da forma de segunda pessoa *tu*. Não foi, contudo, o fator de maior relevância do grupo, embora, como observado na tabela 5, este tipo de frase favoreceu o emprego da variante *tu*, com 65.1% de ocorrência e peso relativo de 0,596. Esperávamos que, em frases exclamativas, houvesse a preferência pela variante *você*, pois essa forma pronominal seria mais preferida em situações interativas em que não houvesse a presença de um interlocutor definido, já que o discurso declarativo e exclamativo pode ser dirigido a mais de uma pessoa, um coletivo e não a um interlocutor definido. Porém, a hipótese em relação à exclamativa não foi ratificada, já que desfavorece a forma *você* e favorece a forma *tu*.

O interessante dos nossos dados são os resultados para a relação *assimétrica 02* (de superior para inferior), o uso de *tu* neste tipo de relação é pouco produtivo, com peso relativo de 0,246, reforçando ainda mais, através do uso, a forma *tu* como um

pronome que marca as relações solidárias e não de poder, seja esta de inferior para superior ou de superior para inferior. Logo, inferimos, a partir de tais achados, que as relações assimétricas inibem o uso de *tu* na fala pesquisada.

Tais usos, constata-se pelo grupo de fatores *Tipo de relação entre os interlocutores* demonstram que há significação social no contexto discursivo de uso destes pronomes, advindos das próprias relações de solidariedade ou diferenciação social entre os participantes do processo comunicativo. O que podemos abstrair da variação desses pronomes é que possuem contextos de uso diferenciados e por isso significativos, sendo que o *tu* é mais atuante em contextos de simetria social e o *você*, em relações assimétricas. O desfavorecimento de *tu* ainda é mais significativo em nossa pesquisa quando o falante o emprega em referência a um interlocutor de status social superior, com percentual de 46.4% e peso relativo de 0,104, decaindo significativamente do valor neutro da regra de aplicação do peso de significância, pois neste tipo de relação assimétrica é muito pouco produtivo na comunidade em análise, se compararmos ao mesmo uso desta forma em função das relações simétricas e assimétricas 02, reforçando ainda mais, através do uso, a forma *tu* como um pronome de solidariedade, o que acreditamos ser reflexo de um estabelecimento proposital de definição bem segmentada e diferenciada de classes sociais distintas.

Então o não uso de *tu*, tido aqui como marca de solidariedade e igualdade, pelo falante que se considera, dentro de uma hierarquia social estabelecida durante a interação, em nível de status abaixo de seu interlocutor, pode marcar o reconhecimento da não reciprocidade *de poder* entre falante e interlocutor, o que demonstra que ambos não podem exercer o mesmo poder sobre o outro. Tal dado em relação à *variação estilística* contribui para tomarmos a forma *tu*, como não marcada. Como mencionamos anteriormente, os pronomes se diferenciam quanto ao nível de formalidade e informalidade discursiva, e a forma *tu* é geralmente empregada em relações interpessoais mais simétricas, tomado como pronome de maior informalidade diante de *você* e *o(a) senhor(a)*.

Desta forma, concebemos que o uso de um estilo mais formal pode estar atrelado às relações mais assimétricas e o uso do estilo menos formal, às relações mais simétricas. Por isso, consideramos, de acordo com nossos resultados, que a manifestação de diferentes variantes de acordo com o nível de formalidade e informalidade é conduzida pelo menor ou maior grau de proximidade entre os falantes. E esta relação é definida a partir do status que estes possuem durante a situação de fala. Por outro lado, o uso da forma “*você*” indica também que pode estar havendo uma tendência a igualar ou tornar as relações sociais menos desiguais, já que parece que *você* carrega mais traços interacionais de polidez e de cortesia.

## 4 | CONCLUSÕES

Nesta pesquisa, procuramos descrever e analisar as formas de referência à segunda pessoa, em função de sujeito, usadas na linguagem oral dos falantes da cidade de Cametá-PA. Na rodada, *tu* versus *você*, os fatores significantes considerados nesta análise foram 03 (três) linguísticos/discursivos (internos) – *paralelismo estrutural*, *referência do pronome e tipo de frase/entonação* – e 01 (um) social ou extralinguístico – *tipo de relação* entre os interlocutores.

Nesta pesquisa optamos pelo estudo das formas de segunda pessoa *tu*, *você*, *o(a) senhor(a)*, a partir de dados oriundos da interação entre informante-base e mais três interlocutores, em grupos focais que representam uma comunidade de prática de cunho *profissional*. Aspirávamos verificar nesta, pelo prisma das relações semânticas de poder e solidariedade, o uso diferenciado destes pronomes, e como estas relações sociopessoais interfeririam na variação estilística, a nível de formalidade e informalidade do discurso. É claro, esta foi uma decisão teórico-metodológica, que atendia aos objetivos da pesquisa. Porém, esta metodologia, pode avançar, em pesquisas posteriores, para a coleta de dados que não restrinja a percepção do uso de tais pronomes somente a uma rede de relações - a profissional, e sim a dinâmica interacional do falante, nas mais diversas situações comunicativas, em diferentes redes sociais de relacionamento, levando a perceber outras nuances entre contextos formais e informais de comunicação. Assim como a análise das formas pronominais pode ser estendida a fala de todos(as) os membros participantes da interação, não somente de um interlocutor-informante-base, como o priorizado por esta pesquisa.

Outrossim, trabalhos futuros podem ampliar o estudo sobre a interferência das relações sociais no uso de *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)*, a partir da inclusão e aprofundamento das relações de intimidade/proximidade afetivas entre os interlocutores, já que neste, observamos somente relações sociais de poder e solidariedade instituídas na fala, por meio do status social dos falantes. Logo, o trabalho mais enfático com diferentes redes sociais pode suscitar novas descobertas de aplicabilidade destes pronomes na fala cametaense, diferentes dos achados por esta pesquisa. Acreditamos que tais desdobramentos, e até mesmo inquietações, motivem trabalhos posteriores no âmbito dos estudos sociolinguísticos variacionistas. E que os resultados desta pesquisa contribuam para a ampliação e caracterização das formas de referência à segunda pessoa no Português Brasileiro.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Adriana Lília Soares de. *A variação você, ce, ocê no português brasileiro falado*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2004.

BELL, Alan. Language style as audience design. *In: Language in Society*. Cambridge Journals. v.13 (2), p.145-204, jun. 1984. Disponível em: <<http://journals.cambridge.org>> Acessado em: 02 jun. 2014.

ECKERT, Penelope. *Three Waves of Variation Study: The emergence of meaning in the study of variation*. Stanford University. Disponível em: <http://web.stanford.edu/~eckert/PDF/ThreeWavesofVariation.pdf>. Acessado em: 04/07/2015.

\_\_\_\_\_. The whole woman: Sex and gender differences in variation. In: *Language Variation and Change*. Cambridge University Press 1 (1989), 1990. 245-267. Disponível em: <http://web.stanford.edu/~eckert/PDF/WholeWoman.pdf>. Acessado em: 04/12/2015.

LABOV, William. *The social motivation of a sound change*. Word, n.19, p.273-309, 1963.

\_\_\_\_\_. *The social stratification of English in New York City*. Center for Applied Linguistics. 2nd ed. Cambridge University Press, [1966], 2006. p.03-86.

\_\_\_\_\_. The anatomy of style shifting. ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge University Press, 2001. p. 85-108.

LAVANDERA, Beatriz. *Where does the sociolinguistic variable stop?* Language in Society, v. 7, n. 2, August, 1978, p.171-182.

MAY, Guilherme Henrique. *Discutindo o papel do funcional no sociofuncionalismo*. Work. paper. linguística., 10 (2), p.69-79, Florianópolis, jul. dez., 2009. Disponível em: <https://periódicos.ufsc.br/index.php/>. Acessado em: 16/02/2013.

MODESTO, Artarxerxes Tiago Tácito. *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos-SP*. 2006. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu / você na cidade de Santos-SP*. Revista Letra Magna - Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura - Ano 04 n.07 - 2o Semestre de 2007. Disponível em: <http://www.letramagna.com>. Acessado em: 12 de Dez. 2015.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, Luanda Almeida Figueiredo de. *Tu e Você no português popular do estado da Bahia*. Comunicação ao VIII Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA. Salvador, 2007.

OTHERO, Gabriel de Ávila. *A negação nas línguas: um universal linguístico*. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. v. VI, n XXIII, out-dez, 2007.

PIRES, R. de Oliveira. *Uma história de delimitações teóricas: 30 anos de semântica no Brasil*. D.E.L.T.A., v. 15, n. especial, 1999.

REIS, Mariléia Silva dos. *Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo: a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista*. 2003. 212 f. Tese de doutorado/ Linguística. Florianópolis: UFSC, 2003.

SANTOS, Viviane Maia dos. *A constituição de corpora orais para a análise das formas de tratamento*. Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 9, 2010, Palhoça, SC.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Trad. de Marcos Bagno. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-85107-89-5

